

# Almeida Garrett – Aquela noite!

Era a noite da loucura,  
Da sedução, do prazer,  
Que em sua mantilha escura  
Costuma tanta ventura,  
Tantas glórias esconder.  
Os felizes... e ai!, são tantos...  
Eu, por tantos os contava!  
Eu, que o sinal de meus prantos  
Do aflito rosto lavava –  
Os felizes presunçosos  
Iam nos coches ruidosos  
Correndo aos salões doirados  
De mil fogos alumiados,  
Donde em torrentes saía  
A clamorosa harmonia  
Que à festa, ao prazer tangia.

Eu sentia esse ruído  
Como o confuso bramar  
De um mar ao longe movido  
Que à praia vem rebentar:  
E disse comigo: «Vamos,  
Os lutos d'alma dispamos,  
À festa hei-de ir também eu!»

E fui: e a noite era bela,  
Mas não vi a minha estrela  
Que eu sempre via no céu:  
Cobriu-a de espesso véu  
Alguma nuvem a ela,  
Ou era que já vendado  
Me levava o negro fado  
Onde a vida me perdeu?

Fui; meu rosto macerado,  
A funda melancolia  
Que todo o meu ser revia,  
Qual o ataúde levado  
A egípcio festim, dizia:  
«Como vós fui eu também;  
Folgai, que a morte aí vem!»  
Dizia-o, sim, meu semblante,  
Que, onde eu chegava, o prazer  
Cessava no mesmo instante;  
E o lábio, que ia a dizer  
Doçuras de amor, gelava;  
E o riso, que ia a nascer  
Na face linda, expirava.  
Era eu – e a morte em mim,  
Que só ela espanta assim!

Quantas mulheres tão belas  
Ébrias de amor e desejos,  
Quantas vi saltar-lhe os beijos  
Da boca ardente e lasciva!  
E eu, que ia chegar-me a elas...  
Para logo a fronte esquiva  
De recatos se envolvia  
E, toda pudor, tremia.

Quantas o seio anelante,  
Nu, ardente e palpitante  
Andavam como entregando  
À cobiça mal desperta,  
Gasta já e desdenhosa,  
Dos que as estavam mirando  
Com vaga luneta incerta  
Que diz: «Aquela é formosa,  
Não se me dava de a ter.  
E esta? É só baronesa,  
Vale menos que a duquesa:

Não sei a qual atender.»

E a isto chamam prazer!  
A grande ventura é esta?  
Vale a pena vir à festa  
E vale a pena viver.  
Como então quis à tristura  
Do meu viver isolado!  
Fique-se embora a ventura,  
Que eu quero ser desgraçado.

Levantei alto a cabeça,  
Senti-me crescer – e a frente  
Desanuviar-se contente  
Do feio negrume espesso  
Que assustava aquela gente.  
Logo os sorrisos caíram  
Para o meu lado também;  
Já como um dos seus me viam,  
Que em mim não viam ninguém.  
Eu, de olhos desencantados,  
A elas, como as eu via!  
Meus entusiasmos passados,  
Oh!, como deles me ria!

Frio o sarcasmo saía  
De meus lábios descorados,  
E sem dó e sem pudor  
A todas falei de amor...  
Do amor bruto, degradante,  
Que no seio palpitante,  
Na espádua nua se acende...  
Amor lascivo que ofende,  
Que faz corar... elas riam  
E oh, que não, não se ofendiam!

Mas o orchestra bradou alta:  
«Festa, festa!, e salta, salta!»

os seus guizos delirantes  
Sacode louca a Folia...  
Adeus, requebros de amantes!  
Suspiros, quem nos ouvia?  
As palavras meias ditas,  
Meias nos olhos escritas,  
Voavam todas perdidas  
Dispersas, rotas no ar;  
Que se foram almas, vidas,  
Tudo se foi a valsar.

Quem é esta que mais voltas  
Gira, gira sem cessar?  
Como as roupas leves, soltas,  
Aéreas leva a ondular  
Em torno à forma graciosa,  
Tão flexível, tão airosa,  
Tão fina! – Agora parou,  
E tranqüila se assentou.  
Que rosto! Em linhas severas  
Se lhe desenha o perfil;  
E a cabeça, tão gentil,  
Como se fora deveras  
A rainha dessa gente,  
Como a levanta insolente!

Vive Deus!, que é ela... aquela,  
A que eu vi na tal janela,  
E que triste me sorria  
Quando passando me via  
Tão pasmado a olhar para ela.  
A mesma melancolia  
Nos olhos tristes – de luz  
Oblíqua, viva mas fria;  
A mesma alta inteligência  
Que da face lhe transluz;  
E a mesma ativa impaciência

Que de tudo, tudo cansa,  
De tudo o que foi, que é,  
E na erma vida só vê  
O raio da vaga esp'rança.

«Pois isto sim, que é mulher»,  
Disse eu – «e aqui há que ver».  
Já vinha a pálida aurora  
Anunciando a manhã fria,  
E eu falava e eu ouvia  
O que até àquela hora  
Nunca disse, nunca ouvi...  
Toda a memória perdi  
Das palavras proferidas...  
Não eram destas sabidas,  
Nem quais eram não no sei ...  
Sei que a vida era outra em mim,  
Que era outro ser o meu ser,  
Que uma alma nova me achei  
Que eu bem sabia não ter.

E daí? – Daí, a história  
Não deixou outra memória  
Dessa noite de loucura,  
De sedução, de prazer...  
Que os segredos da ventura  
Não são para se dizer.

**Almeida Garret, Folhas caídas**